

O movimento de mulheres negras

No contexto de organização do movimento negro brasileiro não podemos nos esquecer do importante papel assumido pelas mulheres negras e suas organizações.

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista

Algumas feministas negras costumam refletir que a situação da mulher negra no Brasil, apesar dos avanços, ainda tem muito que mudar. A mulher negra que, no período escravista, atuava como trabalhadora forçada, após a abolição, passa a desempenhar trabalhos braçais, insalubres e pesados. Essa situação ainda é a mesma para muitas negras no terceiro milênio.

A mulher negra tem sido aquela que cuida da casa e dos filhos de outras mulheres para que estas possam cumprir uma jornada de trabalho fora de casa. Sendo assim, quando falamos que a mulher moderna tem como uma das suas características a saída do espaço doméstico, da casa, para ganhar o espaço público da rua, do mundo do trabalho, temos que ponderar que, na vida e na história da mulher negra, a ocupação do espaço público da rua, do trabalho fora de casa já é uma realidade muito antiga.

A compreensão e sensibilidade para com a história específica das mulheres negras nem sempre ocuparam a atenção do movimento negro de um modo geral e nem do movimento feminista. Isso levou as mulheres negras a questionar a ausência da discussão do gênero articulada com a questão racial dentro do movimento feminista e do movimento negro e a iniciar uma luta específica. É assim que começa a se organizar o movimento de mulheres negras que, hoje, conta com vários tipos de entidades, em diferentes lugares do Brasil, com tendências, concepções políticas e atuação variadas.

As mulheres negras também se organizam em Organizações Não Governamentais (ONG's) e têm realizado vários trabalhos de denúncia contra o racismo, cursos, palestras, projetos e debates sobre: educação sexual, saúde reprodutiva, doenças sexualmente transmissíveis, concepção e nascimento, doenças étnicas, direitos humanos, educação, entre outros.

Para refletir um pouco mais sobre a situação da mulher negra no Brasil, vamos ler dois artigos da mulher negra, escritora e feminista Alzira Rufino, fundadora da Casa de Cultura da Mulher Negra (Santos-SP) e editora da Revista Eparrei. Esses artigos, publicados em 2003, nos ajudam a entender

um pouco da história das mulheres negras e de suas lutas em prol de uma maior igualdade de gênero, social e racial.

Avanço das mulheres. Que mulheres?

Décadas de avanço no status das mulheres em todo mundo e no Brasil, e a mulher negra continua associada às funções que ela desempenhava na sociedade colonial imediatamente após a abolição. É, em sua maioria, a empregada doméstica, a lavadeira, a faxineira, a cozinheira. É a trabalhadora que saiu dos trabalhos forçados do escravagismo diretamente para os trabalhos braçais, mais insalubres, mais pesados, nesta virada do terceiro milênio.

As estatísticas mostram os avanços das mulheres no Brasil. O censo de 1980 mostra em que profissão há uma maior concentração feminina: empregada doméstica, secretárias, professoras, vendedoras/balconistas e enfermeiras.

Uma década depois, em 1990, existiam cerca de trinta mil altas executivas, as mulheres eram 62% dos profissionais de Medicina, 42% dos diplomados em Direito, 19% em Engenharia, 40% na Imprensa, ocupando 2.301 cargos de juízes no Judiciário.

Basta, no entanto, percorrermos esses espaços de decisão ocupados pela mão de obra feminina para constatarmos que a maioria das mulheres negras não está lá, está ainda nas funções tradicionais, ou seja, limpando a sala da diretoria, da médica, da advogada, da redação dos jornais, dos tribunais, em resumo, limpando a sala das decisões.

Enquanto as mulheres brancas estão rompendo estereótipos e atingem números significativos em áreas antes restritas aos homens, as mulheres negras ainda têm que lutar para ter acesso a funções como secretárias ou recepcionistas, ocupações tidas como "femininas", mas que podem ser melhor descritas como "femininas e brancas".

Mesmo com diploma de curso universitário, poucas mulheres negras conseguem exercer a profissão para a qual estudaram arduamente. Não são tão raros os casos em que têm que continuar trabalhando como empregadas domésticas e faxineiras diaristas apesar de terem o curso superior. Aliás, as trabalhadoras domésticas são negras, em sua maioria, e é fácil perceber o porquê da lentidão no reconhecimento de seus direitos trabalhistas e por que apenas 1/3 tem carteira de trabalho assinada.

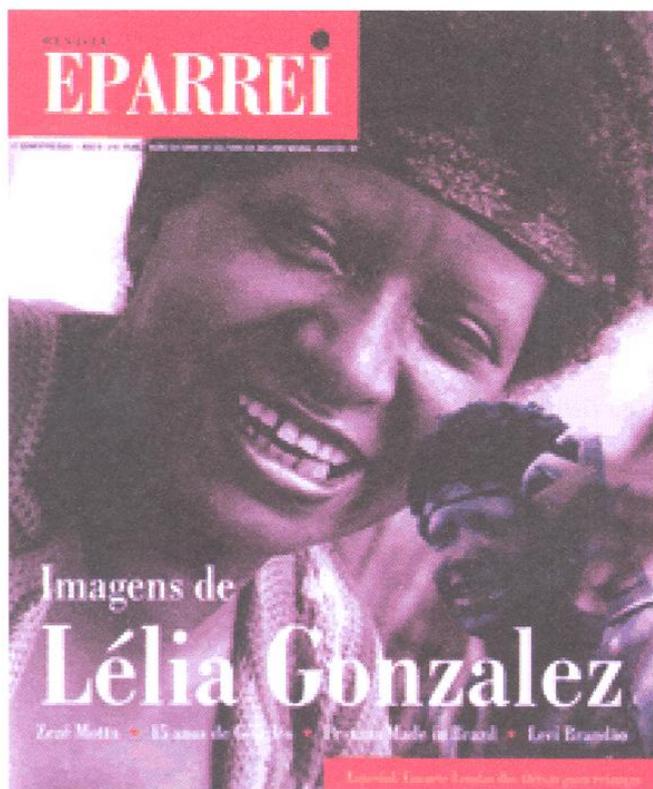
Os nós do feminino

Sendo a mulher negra mais vulnerável à violência aos direitos humanos e por representar quase a metade da população feminina do Brasil, qualquer estratégia de promoção da mulher deve considerar as diferenças que existem entre as mulheres, adaptando as políticas públicas às necessidades reais das mulheres brancas, negras, indígenas, para que essa metade da população feminina, negra e indígena, chegue junto com a mulher branca ao poder.

A mulher negra e indígena na América Latina foram as maiores vítimas da ideologia colonialista que busca justificar a exploração do colonizado, atribuindo-lhe uma humanidade inferior.

Contaremos com a vivência histórica de resistência da mulher negra e indígena para mudarmos, em caráter de urgência, esse cenário de desigualdades. Mas há que pular todas essas barreiras, externas e introjetadas, fazer do feminismo a soma de todas as variações do feminino.

Porque, apesar de estarmos nas cordas em equilíbrio de um Brasil, é nas mulheres negras que se revela a arte de sobreviver e viver. (Alzira Rufino. Os nós do feminino. Eparrei. Santos, n. 4, ano II, p. 13, 2003.)



Lélia González. (Fonte: <<http://www.casadeculturamulhernegra.org.br>>)



Sueli Carneiro e Alzira Rufino. (Fonte: <<http://www.casadeculturamulhernegra.org.br>>)

Enquanto sujeito social importante na construção da história do nosso país, as mulheres negras vêm construindo uma trajetória de muita luta, perseverança e sabedoria. As vozes das nossas antepassadas, com suas dores e lutas ainda ecoam entre nós e servem de exemplo para que não desistamos do nosso objetivo de construir uma sociedade digna para todos. É o que nos revela a bela poesia de Conceição Evaristo, que nos lembra a linda história de luta das mulheres negras:

Vozes – mulheres

*A voz de minha avó ecoou
Criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos – donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado*

*rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue e fome.
A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas
vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas na garganta
voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida – liberdade.*

nceição Evaristo. In: *Cadernos Negros*. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/doss/dos1-4pdf>>. Acesso em 2 nov. 2004.